

CONSTRUÇÃO DO ATIVISMO POLÍTICO: MILITANTES DOS MOVIMENTOS SOCIAIS LGBTTT

Daniela Dalbosco Dell'Aglio¹

Alexandre do Nascimento Almeida²

Lucia Marques Stenzel³

Artigo recebido em: 14/01/2013 | Aceito em: 14/04/2013

Resumo

Esse artigo analisou a construção do ativismo político de militantes do movimento social LGBTTT, identificando o sentido atribuído a suas participações. Foram realizadas entrevistas individuais com cinco militantes e, a partir da análise de conteúdo qualitativa, foram identificadas três categorias: articulação do eu com o outro, identidade política e identidade sexual, existindo uma inter-relação constante entre elas. Conclui-se que a identidade, a identificação com o grupo e a consciência política são elementos fundamentais no ativismo político dos militantes entrevistados.

Palavras-chave: movimentos sociais LGBTTT, militância, identidade política, identidade sexual.

THE CONSTRUCTION OF POLITICAL ACTIVISM: THE MILITANTS OF THE LGBTTT SOCIAL MOVEMENTS

Abstract

This article analyzed how the political activism of LGBTTT social movement militants is constructed, identifying the meaning attributed to their participation. Individual interviews were conducted with five activists and the analysis of qualitative content indicated three categories: articulation of the self with the society, political identity and sexual identity, with a constant inter-relation between them. It was concluded that identity, group identification and political awareness are key elements to political activism of the LGBTTT social movement militants.

Keywords: LGBTTT social movements, activism, political identity, sexual identity.

¹ Psicóloga, graduada pela Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA). E-mail: <danieladellaglio@gmail.com>

² Mestre e Doutor em Letras. Professor adjunto da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre. E-mail: <alexandrea@ufcspa.edu.br>

³ Psicóloga, Mestre e Doutora em Psicologia Social. Professora adjunta da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre. E-mail: <lstenzel@ufcspa.edu.br>

Introdução

Movimento social é o termo contemporâneo usado para designar o choque de interesses sociais (AMORETTI, 2010), ou seja, é a partir dos movimentos sociais que se têm construído grandes forças políticas em prol de mudanças sociais significativas. Os movimentos sociais podem também ser definidos como as formas de organização e articulação baseadas em um conjunto de interesses e valores comuns, com o objetivo de definir e orientar as formas de atuação social. Essas ações têm como objetivo mudar a ordem social existente, ou parte dela, e influenciar os resultados de processos sociais e políticos que envolvem valores ou comportamentos sociais (MACHADO, 2007). Para Silva (2008), sociedades que buscam mecanismo de transformação e autoaperfeiçoamento estão em constante metamorfose, pois estão buscando diminuir todo tipo de exclusão social.

Nesse sentido, a sociedade brasileira é um exemplo que busca a mudança, pois se pode observar um aumento dos movimentos sociais nos últimos anos (SILVA, 2008). Segundo Sodré (2011), esse novo ciclo iniciou-se no início da década de 90 e os protestos e revoltas seguiam dois modelos – o primeiro, mais tradicional organizado por uma liderança (lutas operárias, lutas partidárias), e um segundo modelo, que se conduz de maneira autônoma à luta (lutas de raça, gênero e sexualidade). Conforme Amoretti (2010), o segundo modelo acontece de forma oposta ao primeiro, pois se baseia no direito de cada grupo expressar sua diferença. Os movimentos sociais LGBTTT (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis e transgêneros) – foco deste artigo – aparecem em formas de ONGS, redes e coletivos que se encaixam nesse segundo modelo.

Outro termo atribuído aos movimentos sociais LGBTTT é “minorias ativas”, em que se trata de um grupo minoritário, em termos de poder político, porém com força suficiente para desestabilizar a cultura hegemônica e provocar reflexões sobre as questões vigentes (GOUVEIA e CAMINO, 2009). Esse ponto de vista contradiz a ideia de que a minoria teria que se tornar maioria para conquistar o poder. Para Silva (2008), grupos considerados minorias, como as mulheres, os negros e os homossexuais não lutaram com vistas a substituir os homens, os brancos e os heterossexuais; o objetivo é uma luta por uma sociedade em que o poder seja compartilhado de maneira equilibrada, sem que nenhum grupo social seja privilegiado e beneficiado em detrimento de outro.

Os movimentos sociais estão em um período de expansão e de transformações. Tendo em vista esse aumento dos movimentos sociais, Amoretti (2010) já indica que é fundamental o estudo desses para que se possa refletir sobre as mudanças sociais. Giddens (2005) também afirma a importância desses estudos, pois, segundo o autor, os movimentos sociais estão entre as mais poderosas formas de ação coletiva. Esse avanço pode estar refletindo os riscos que têm afetado as sociedades, como risco ambiental e de Direitos Humanos, sendo que as instituições políticas tradicionais têm uma capacidade cada vez menor de lidar com esses desafios, pois não estão inseridas diretamente nos contextos.

Outro fator importante do movimento social é compreender as razões e motivos do ativismo político. Para Sobottka (2010) existem estudiosos que destacam que os adeptos dificilmente são convencidos por motivos individuais, mas sim através da conquista de simpatia e adesão de pequenos grupos. Os seja, os grupos se tornam potencializadores da causa e multiplicadores de estruturas de mobilização.

Ativismo Político

Os motivos de alguém se interessar por participar em movimentos sociais variam enormemente. Os recursos sociais, culturais, experiências acumuladas, conjunturas históricas e como se articulam esses ingredientes são alguns dos fatores que podem influenciar o ativismo político. Surgem alguns questionamentos propostos por Seidl (2009): existem ligações entre características sociais dos indivíduos, suas histórias individuais e os tipos de militância a que aderem? Como se opera a construção social do desejo de dedicar-se a alguma causa, de que maneira ela é vivenciada? Seidl (2009) acredita existirem variáveis ao longo do tempo de vida do indivíduo que podem predispor à militância.

Em pesquisa sobre o movimento *hip-hop*, Moreno e Almeida (2009) buscam debater o que leva alguns jovens a se envolver com a militância política, criando ou participando de grupos empenhados em ações coletivas. Para isso as autoras buscaram compreender a disposição dos jovens para participar do movimento investigando as redes familiares e de sociabilidade que puderam construir e por onde puderam transitar, ou seja, construíram trajetórias familiares e sociais que podem ter contribuído para o ativismo. O principal objetivo foi pensar o ativismo político como um processo dinâmico, em que a entrada da militância não se resume apenas em experiências anteriores, mas como cada indivíduo constrói a sua forma de fazer e sua forma de pensar no cotidiano.

O ativismo político e a participação em movimentos sociais podem também estar relacionados a questões que envolvem aspectos estigmatizados da sociedade, o que constitui as minorias ativas. Segundo Goffman (2008), a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas, o que faz com que existam expectativas normativas a respeito da identidade do sujeito. O termo “estigma”, usado pelo autor, como referência a um atributo que não é nem honroso, nem desonroso, é uma relação entre um atributo e estereótipo, dependendo do contexto em que se está inserido. Para Goffman (2008), essa diferença que estigmatiza o sujeito é derivada da sociedade que constrói coletivamente essa conceitualização. O estigmatizado pode esperar algum apoio daqueles que compartilham o seu estigma e, em virtude disto, é definido e se define como seus iguais e costuma estar voltado para o tipo de vida coletiva. Esta característica pode ser relacionada com a forma de funcionamento da população LGBTTTT, não só nos movimentos sociais, mas também em bares e outros espaços direcionados para essa população.

Estudos e Movimento Social LGBTTTT

A identificação como “homossexual” surgiu no final do século XIX e no início do século XX com o discurso médico-científico preocupado com o estudo das patologias, que via a homossexualidade como algo criminal ou imoral (PASSAMANI, FERREIRA e SANTOS, 2007). Antes disso, as mulheres ou homens poderiam se relacionar sexualmente com parceiros do mesmo sexo, o que poderia ser alvo de reprovação ou punição, mas não marcavam as pessoas como diferentes dos outros, ou seja, o comportamento sexual não constituía um marcador da identidade (ADELMAN, 2000). Foucault (1988), ao falar de como o homossexual do século XIX era identificado, o coloca como um “personagem”. Nada daquilo que o homossexual é escapa à sua sexualidade.

Nos anos 1960 e 1970 a identidade sexual teve um novo princípio organizador do universo sexual, quando foi possível substituir conceitos como “desvio” para quando se tratasse da homossexualidade (AL-

MEIDA, 2009). Esta identidade sexual abriu possibilidades de homens e mulheres construírem e viverem sua sexualidade, aqui não se referindo apenas à orientação sexual, mas sim à forma de expressão da sexualidade. Os movimentos de resistência política gay foram imprescindíveis para esta mudança. Um exemplo disso foi, nos Estados Unidos, a conhecida “Batalha de Stonewall” no ano de 1969, em que os gays enfrentaram a polícia contra o fechamento de um bar. Foi considerada a primeira vitória dos homossexuais na luta por respeito e visibilidade (PASSAMANI, FERREIRA e SANTOS, 2007).

Porém, no Brasil, o movimento gay ganhou força e organização no final da década de 70, início dos anos 80 (PASSAMANI, FERREIRA e SANTOS, 2007). Os primeiros passos do movimento dos homossexuais foram dados a partir das forças de esquerda, embora não necessariamente a luta dos homossexuais esteja vinculada a partidos políticos. No entanto, na proposição de novas leis a favor dos direitos homossexuais, essa questão partidária tem exercido forte influência.

Nos anos 90 é que se pode dizer que os homossexuais passaram a ganhar espaço nas ruas, nos bares, nas festas, mas foi também nessa década que a AIDS contribuiu para a expansão dos estudos de caráter homoerótico. Para Silva (2008), foi nessa década em que passou a se discutir e debater a homoafetividade em diversas áreas do conhecimento, como história, sociologia, psicologia, antropologia e literatura. Com o aumento do debate, os movimentos sociais também ganham maior visibilidade.

A luta LGBTTTT deve ser vista como a luta pela “universalização da cidadania” que é construída junto com os demais movimentos sociais. Almeida (2009) coloca esse ponto de vista, pois acredita que a construção dessa cidadania vai depender da consciência dos direitos da população de uma forma geral, e não isolada a uma população específica.

A partir dos aspectos teóricos apresentados e do contexto sócio-histórico-cultural atual, é possível identificar a necessidade de abordar a população LGBTTTT sob um ponto de vista psicossocial. Ainda, deve ser considerado que a investigação da participação e atuação política dessa população vinha privilegiando as influências das estruturas sociais, deixando de lado a compreensão da construção do sujeito político. Com isso, o objetivo geral deste estudo é investigar através da compreensão dos militantes dos movimentos sociais LGBTTTT como se dá a construção de seu ativismo político no movimento em que participam.

Método

Esta pesquisa se caracteriza como um estudo transversal de cunho exploratório qualitativo. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre e atendeu aos pressupostos para pesquisa com seres humanos, de acordo com a Resolução n.196/1996 do Ministério da Saúde. Foram realizadas entrevistas individuais com cinco representantes dos movimentos sociais LGBTTTT da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. O primeiro participante foi contatado pela pesquisadora através da página virtual do movimento social em que ele participa. Uma vez que a primeira entrevista foi realizada, o entrevistado foi questionado a respeito de contatos de outros movimentos LGBTTTT. O mesmo procedimento foi feito com outros participantes, até que fosse realizado o contato com os seis movimentos sociais LGBTTTT identificados em Porto Alegre. Dentre eles, apenas um não atendeu ao convite, sendo, então, realizadas as cinco entrevistas com participantes de diferentes movimentos sociais, que buscam pautas diversificadas de militância. O único critério de inclusão era estar participando

ativamente em um movimento social LGBTTT. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tendo sido garantida a confidencialidade dos dados.

A técnica utilizada foi a entrevista focalizada, que consiste em um método no qual o pesquisador permite ao entrevistado falar livremente sobre o assunto. No entanto, quando esse se desvia do tema original, o pesquisador intervém para a retomada da temática (GIL, 2010). Foi utilizado o tópico guia, recomendado por Bauer e Gaskell (2010), o qual serviu como um lembrete para a pesquisadora quanto aos assuntos a serem tratados, criando um referencial para a discussão e fornecendo uma progressão lógica e plausível. O tópico guia fazia referência a como o sujeito compreende a sua inserção no movimento social, sem ser estimulado e direcionado a nenhum tema específico. Os temas e categorias foram criados *a posteriori*. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas para a análise.

Após a transcrição e leituras sucessivas das entrevistas, buscou-se identificar as percepções dos diferentes participantes quanto a sua participação no ativismo político através da Análise de Conteúdo (GOMES, 2011; NUNES, LINS, BARACUHY e LINS, 2008; PUGLISI e FRANCO, 2005), modalidade qualitativa, em que se buscou interpretar o sentido que o sujeito atribuiu às suas falas. Nesta etapa foram identificadas as unidades de sentido que permitiram um agrupamento de ideias e características, podendo ser chamados de categorias temáticas. Com isso, as categorias foram elaboradas *a posteriori*, isto é, o discurso gerado foi norteador na construção das unidades de análise, e posteriormente, das categorias.

Resultados e Discussão

Os resultados serão apresentados a partir das categorias temáticas derivadas da análise das entrevistas, com excertos das falas dos participantes que demonstram a construção da categoria em foco. Após a leitura das entrevistas, emergiram três categorias temáticas: articulação do eu com o outro, identidade política e identidade sexual. Os participantes serão identificados através de nomes fictícios, buscando preservar seu anonimato.

1) Articulação do Eu Com o Outro

Foi identificado nas falas dos participantes como é forte a relação do sujeito militante com a sociedade, havendo dois pontos em que é visível essa relação: o primeiro é de como as transformações e mudanças sociais influenciam o sujeito e, segundo, como o sujeito se constrói na relação com as diferentes causas relacionadas às minorias sociais. Foi possível observar, nas diferentes entrevistas, que os militantes referem ter um sentimento positivo ao perceber que suas ações trazem um resultado de mudança social. Mário, ao responder sobre como ele se sente ao militar, além de referir positivamente, faz uma relação disso como consequência do efeito que traz na vida das pessoas: “*Eu acho bom isso, eu gosto, eu me sinto bem, até alegre quando tem essas coisas assim. Bem tranquilo, gosto mesmo. Sei que está tendo um efeito na cabeça, na vida das pessoas*”. (Mário)

Para Andréa também foi observado que os sentimentos positivos em relação à militância são consequência dos avanços sociais: “*Então, quando tu consegue uma liminar na justiça, consegue, enfim, vários*

tipos de avanço, eu acho impossível não sentir uma satisfação pessoal também (...) é impossível separar e não sentir uma alegria muito grande, uma felicidade muito grande". (Andréa)

Para melhor compreender esse processo de reflexo dos efeitos da sociedade no militante, torna-se importante o conceito de *self* (MEAD, 1973 citado por SILVA, 2007) que, para Mead, surge a partir da interação social. Essa experiência de interação com a sociedade exige que vejamos a nós mesmos desde a perspectiva das pessoas com quem estamos interagindo. Essa capacidade de nos colocarmos no lugar do outro implica que o *self* apresente dois componentes: o *eu* e o *mim*. O *eu* se refere à parte do sujeito que reage às atitudes dos outros, o *mim* à parte que processa e internaliza os eventos externos ao sujeito.

Ainda, para Silva (2001), quanto mais o *eu* e o *mim* estiverem integrados e articulados, o sujeito desenvolverá uma maior consciência política. O sujeito, reagindo às atitudes dos outros e internalizando efetivamente essas ações, terá mais sensibilidade para se mobilizar a ações visando o coletivo.

A partir das falas dos entrevistados, é possível observar que existem eventos externos que são resultados de sua militância, como ter “efeito na cabeça, na vida das pessoas” e conseguir “uma liminar na justiça”. Isso é internalizado de maneira positiva e o *eu* irá responder estando cada vez mais ativo no processo político.

Ao identificar que suas ações de militante estão tendo um resultado positivo em outras pessoas, esse resultado também se reflete no próprio militante. Com isso, não se pode pensar o ativismo político de maneira individual, uma vez que o *self* é construído a partir dessa interação com os outros.

Observou-se nas entrevistas que os participantes apresentaram uma preocupação política com diferentes minorias sociais, não só aquela com as quais mais se identificam. Essa “preocupação” será chamada aqui de consciência política (SILVA, 2001). A partir da fala de Adriano, é possível observar a relação do seu engajamento político quando ele se compara àquela pessoa que não é “igual a ti”:

Tu participando de um movimento social pra uma determinada população, tu tá ajudando na garantia de direitos, (...) tu tem uma pessoa que é igual a ti, que paga os mesmos impostos que tu, convive contigo nos mesmos locais, que não é tão sujeito de direito quanto tu, que tem limitações nas mais básicas pra poder executar a plenitude da cidadania dela. (Adriano)

Outra forma de identificar essa consciência política mais ampla, em que não se fala diretamente de si, é enxergar a luta pelos direitos humanos:

Eu sempre acreditei assim, vamos supor, tu tem que acreditar no ser humano, seja ele o que for. Seja ele pobre, negro, travesti, transexual, profissional do sexo, (...) a gente tem que respeitar todos os segmentos, né. Então eu sempre acreditei, mesmo eu não sabendo o que era movimentos sociais, né, e o que a gente tem que lutar é pra essa população que é mais vulnerável. (Mariana)

Foi demonstrada também simpatia por outros movimentos e participação em outros movimentos sociais, como em outras organizações:

E tenho simpatia, assim, com outros movimentos também. Não com uma militância direta, questão ecológica, questão das mulheres, dos negros, dos sem terra, dos sem teto. Todas

essas questões são questões que de uma forma ou outra, eu sempre participei. (Mário)

Os militantes são agentes da garantia de direitos para uma população excluída socialmente. Com isso, aqui é possível identificar que o militante reage participando ativamente de outras atividades políticas, que não se limitam apenas às causas individuais com que se identificam diretamente.

Por isso, pode-se dizer que o *self* do militante se reflete na forma de como ele reage ao participar dos movimentos sociais e como ele participa desses movimentos, não só em causas individuais ou privadas. Por isso, a construção do *self* do militante está diretamente ligada à consciência que o indivíduo terá das questões políticas da sociedade de maneira ampla e não individual. Uma vez que quanto mais o militante estiver ativo nessas diferentes atividades, mais ele terá sentimentos positivos, e, conseqüentemente, participará mais ativamente, formando assim um ciclo entre consciência política e ativismo.

2) Identidade Política

Silva (2001) segue o seu raciocínio a respeito da construção do *self* pontuando que Mead (1973 citado por SILVA, 2007) não entenderia identidade como um sinônimo para o seu conceito de *self*. O *self* tem um caráter consciente a respeito de si, enquanto a identidade é um componente importante para a construção do *self*. Na discussão desta categoria são apontados os fatores que contribuem para a formação da identidade política do sujeito, pensando que essas questões contribuem também para a construção do *self*.

Identidade política, para Prado (2002), é fruto de um processo de mobilização e de desenvolvimento de condições materiais, psicossociais e políticas do sujeito que faz com que a consciência das relações de subordinação se desenvolva para o reconhecimento do caráter opressivo de outros, ou seja, uma passagem da visão de “nós” para “eles”. O conteúdo dessa categoria envolve a percepção do sujeito sobre o desenvolvimento dessas diferentes condições apontadas por Prado (2002) a partir de como são identificadas as trajetórias percorridas que podem ter contribuído para esse processo de mobilização.

2.1) A Identidade Política Fruto de Trajetórias Singulares

Foi possível observar nas falas dos participantes que existem fatos ao longo da vida que podem ter contribuído para a inserção no movimento social. Essas diferentes trajetórias ajudam na construção da identidade política e no envolvimento com o ativismo. Essa categoria busca apresentar qual o sentido que o participante dá pra esses fatos apresentados, não sendo acontecimentos pontuais, ou seja, são características da história de vida que o próprio participante identifica como representativa.

Cristiano destacou em sua fala a sua experiência em uma cidade do interior, em que a educação reproduzia conceitos machistas e homofóbicos. Apesar disso, mesmo na época do colégio, conseguia ter um posicionamento crítico a respeito de ordens, o que identificou como ponto em que seu ativismo político pode ter iniciado.

Eu acho que eu já tinha uma semente militante plantada desde criança, porque eu nunca aceitei ordens no colégio, em qualquer espaço, sem me questionar, da onde estava vindo essa ordem e porque essa ordem tava vindo. Então, me incomodava o fato de eu voltar pra

casa indignado (...) coisas que pudessem ter me ajudado hoje a ter influenciado, talvez também a ter se formado no colégio e ter saído, mesmo homossexual, homofóbico. E meio racista, machista, elitista total. (Cristiano)

Cristiano ainda apresentou pontos importantes de sua vida ao falar da mudança de uma cidade do interior e de uma escola que reproduzia o preconceito para a Universidade e para a capital. Essa mudança, segundo ele, o fez abrir os olhos para as diferentes questões do mundo e, com isso, começou a entrar no movimento político partidário e, posteriormente, iniciou uma “setorial” LGBTTT.

Mário não identifica um acontecimento pontual em sua trajetória que possa ter influenciado a sua participação, mas acredita que o fato de ser uma pessoa “incomodada” ao longo da vida, que contestava diferentes questões pode ter contribuído para essa identificação política.

Eu sempre fui uma pessoa, desde quando eu me conheço por gente, diga-se de passagem se conhecer por gente com 6, 7 anos, não 18, eu sempre fui uma pessoa incomodada, preocupada, não aceitava as discriminações, as coisas que aconteciam que eu via na minha volta, então é uma trajetória. (Mário)

Mário ainda relata que participava das organizações em sua cidade, como gincana, campeonato de futebol, demonstrando ser uma pessoa pró-ativa.

Participava de tudo o que acontecia na cidade, desde o carnaval da cidade, as festas, a gincana, os campeonatos de futebol. Sempre fui uma pessoa muito metida nesse sentido, entendeu? Tudo eu sempre participei, me mobilizei, me mobilizo até hoje. (Mário)

Na fala de Adriano é possível identificar em sua trajetória uma construção profissional a respeito da temática de gênero LGBTTT, o que influenciou no seu ativismo político: *ao identificar problemas em relação à garantia de direitos e proteção de integridade física ou moral ou qualquer outra coisa, em relação a mulheres também, foi me dando vontade de trabalhar e modificar isso. (Adriano)*

Inicialmente ele participava de um assessoramento jurídico da universidade relacionado à temática LGBTTT. Após ter percebido que se limitar ao meio acadêmico não possibilitava toda a abrangência e resultados como ele gostaria, acabou se inserindo no movimento social e seu deu conta de que as manifestações e pressões estavam trazendo resultados.

Mariana pontua essa questão da trajetória de forma geral, sem se referir à trajetória dela, mas sendo possível perceber que ela se identifica como “pessoa de direitos humanos”, ou seja, uma militante. Para ela, isso “nasce” com a pessoa, ou seja, essa questão da formação da identidade política é vista por Mariana como algo intrínseco de cada um:

(...) uma pessoa de direitos humanos ela já nasce com direitos humanos. Às vezes ela milita desde novinha e nem sabe, como eu, não sabia o que era direitos humanos, não se falava,(...) a gente já lutava pela questão dos direitos. (Mariana)

A identidade política é construída através da mobilização social, ou seja, as experiências de mobilização ao longo da vida vão possibilitando que o sujeito se identifique politicamente, o que vai trazendo transformações subjetivas e objetivas na vida cotidiana (PRADO, CAMPICI e PIMENTA, 2004). Moreno e Almeida (2009) entendem que a ação política não é algo imediato e que não está inscrita para todas as pessoas de forma igual. Essa ação política é o resultado da interação estreita de vários processos. Por isso,

não é possível apontar pontos específicos das trajetórias individuais, sendo elas subjetivas e singulares, contribuindo no processo da construção da identidade política do sujeito.

3) Identidade Sexual

Nesta categoria são discutidos os aspectos envolvidos com a identidade sexual dos participantes, sua definição e forma de assumir essa identidade perante a sociedade, assim como a relação dessa definição com o comportamento de ativismo social e político.

3.1) “Saindo do Armário”: A Relação Entre o Ativismo Político e a Afirmação da Identidade Sexual

Retomando um fato histórico anteriormente citado, a revolta “Stonewall”, em que os homossexuais se uniram a favor de uma causa comum, antes de existir um movimento social já estruturado, é possível fazer uma reflexão sobre a importância da identidade sexual para a inserção e para a construção de um movimento social. Nesse fato, em que pessoas com a mesma identidade – gay – e com o mesmo objetivo: protestar contra a abordagem policial no bar, é possível perceber que foram agentes de uma revolta tão marcante na história do movimento social LGBTTT. Para Reis e Facchini (2011), a identidade em comum foi componente de redes de sociabilidade que já foram se desenvolvendo até acontecer a revolta em si.

Mário, ao relatar sobre o início de sua participação política no movimento social LGBTTT, conta que a partir de um grupo com a mesma identificação, gay e política, foi possível construir uma ONG que existe até hoje.

Eu achei que era uma questão, claro, por ser gay, por ser uma pessoa incomodada com a questão da discriminação, esse processo todo de exclusão. Eu achei que era uma militância interessante nesse sentido, pra trabalhar com esse debate da organização e disputa de espaço na sociedade, e também, uma questão minha, por ter uma motivação pessoal, por ser gay e vivenciar isso na sociedade. Mas sempre, claro, com uma perspectiva sempre mais na ideia do coletivo do que uma ideia individual, privada. (...) eu morava eu e outras pessoas na casa de estudante da UFRGS, 89, 90, 91 e a gente se reuniu com outras pessoas ali também que tinham uma perspectiva política e achamos que montar uma ONG, dentro da estrutura política da sociedade brasileira, seria uma estratégia mais eficiente pra estar trazendo essa discussão à tona (...) Ai a gente organizou uma ONG (...) em 1991, e começamos a militar, fazer mobilização, discutir, sobre as pessoas, conversar, provocar a sociedade, essas coisas todas, né. (Mário)

É possível observar também no discurso de Mário a identificação não só com o grupo do coletivo, mas também a sua “motivação pessoal” da sua própria sexualidade. Ele demonstrou ter consciência de que existem questões individuais, ou seja, da sua identidade gay, que o possibilitaram formar a ONG: “Claro que tem a individual porque eu sei que as bichas são discriminadas e eu sou discriminado também, sempre tive essa consciência desde a eternidade”. (Mário)

Para Adelman (2000) pode-se entender o fato de assumir a identidade gay como um ato de afirmação, de rebeldia, criando laços de solidariedade com outros que compartilham essa mesma identidade.

Assim, é aceitar um desafio para uma desconstrução das formas de opressão social institucionalizadas. Taques (2007) compartilha dessa ideia ao dizer que a formação da identidade sexual é um ato político. Para o autor, o fato de “sair do armário” já tem um caráter de rito de passagem e pelas consequências sociais que esse fato pode trazer, ele considera que também é um ato da luta pelos direitos.

Ainda, para os sujeitos homoeroticamente orientados há uma produção cultural em comum, uma vez que se identificam entre si. Segundo Silva (2008), isso faz parte da construção psicopolítica do sujeito, uma vez que ela fará parte de uma cultura de transformação e será produto de mudanças da heteronormatividade, que é o esperado pela sociedade. Por isso, a identidade sexual pode representar transformações estruturais da sociedade e mudanças de ordem macrossocial.

Para Cristiano, a questão identitária da sua sexualidade foi fundamental para que pudesse ser ativo no movimento social:

Eu sempre fui muito incentivado (...), mas ainda não tinha uma construção da minha orientação sexual que eu me sentisse a vontade de iniciar uma setorial. Porque eu sabia que em algum momento no coletivo LGBTTT, tu vai ter que pegar o microfone, tu vai ter que falar, vai ter que se confrontar com algumas pessoas, tu vai ser uma figura pública do movimento LGBTTT, então até ter esse processo de afirmação do meu eu, demorou. (Cristiano)

Pode-se perceber a importância da afirmação da sexualidade para ser uma pessoa pública no movimento social. Além disso, apesar dos militantes LGBTTT terem expressado um interesse nas causas de direitos humanos como um todo, é possível observar que o que pesa para que a atenção especial em suas lutas seja especificamente no movimento LGBTTT, é uma identificação pessoal ligada principalmente à sexualidade, como pode ser observado na fala seguinte, de Andréa:

Eu acho que mais pela proximidade na verdade, mas seria mais o foco, questão de mulheres, questão LGBTTT, (...) só consegue militar 100%, te doar 100% naquilo que te toca, né. Então, é mesmo tendo descendências negras, por exemplo, eu não sofro preconceito, né, do racismo, é algo que eu não consigo ter tanta propriedade por não sentir. E como o LGBTTT, a questão da homossexualidade, é uma questão que me toca muito, que eu sofreria o preconceito, no caso, essa é que me revolta mais, que me choca mais. (Andréa)

Dessa forma, para Silva (2008) é possível entender a identidade sexual como um elemento na produção do sujeito social e político atuante na reconstrução do mundo. Por isso, pode-se dizer que para ser ativo do movimento social LGBTTT, é importante que o sujeito esteja bem definido quanto a sua identidade sexual, uma vez que ele terá que se posicionar, se tornará uma figura pública e será reconhecido pela população em geral, não só como membro do movimento, mas também pela sua orientação sexual.

3.2) Pertencimento ao Grupo a Partir da Identificação da Sexualidade

Para MacRae (1997) a noção de identidade sexual “estanque” está associada à identidade militante e está apropriada a sociedades mais democráticas, uma vez que os militantes tendem a se associar com os seus iguais para lutar pelos seus direitos, o que é visto como uma tática bem-sucedida. Com isso, é possível fazer uma reflexão sobre a construção da identidade LGBTTT que existe atualmente, que foi cons-

truída historicamente, desde a “invenção” do termo homossexual, em que, esses sujeitos, para se sentirem aceitos e não discriminados passaram a se identificar com os sujeitos em comum, formando assim, essa identidade que é vista hoje.

Goffman (2008), ao falar sobre o estigma que a população LGBTTTT carrega, entende que esse “estigma” contribuiria para que essa população andasse em grupos e ocupasse os mesmo lugares que os seus iguais para se fortalecerem. Sívori (2009) aponta que ter a orientação sexual bem esclarecida é condição para operar nos movimentos, mas, também é efeito da mobilização, ou seja, o próprio movimento contribui para essa identificação ser mais reforçada e facilitar as formas de lidar com a sociedade em si. Este aspecto é evidenciado na fala de Cristiano, ao relatar que o movimento social em que participa é um recorte da sociedade que contribui para que ele tenha forças de continuar ativo no movimento.

Então é ali que eu estou admirado, nesses espaços com essas pessoas, por esse recorte da sociedade eu sou admirado, mas isso respalda pra enfrentar todo o resto. Porque é ali que te dá confiança, é ali que te dá vontade que traz novas pessoas pra te ajudar nessa luta pra, pra fazer com que, esse espaço se torne o todo. Acho que é isso. Esse espaço serve como impulso pra construir uma sociedade dentro desses moldes. (Cristiano)

Porém, ao se pensar nos espaços em que a população LGBTTTT tem em comum para fortalecer a sua identidade, pode-se observar que esses não se limitam apenas aos movimentos sociais. Para Adelman (2000), as grandes cidades oferecem um espaço de convivência onde pessoas com interesse erótico em outras do mesmo sexo se conhecem, contribuindo para não só começarem a construir essa identidade, mas para também se sentirem menos estigmatizados. Para Cristiano a visão de que a identidade gay poder ser exercida num espaço limitado, onde existe aceitação, é motivo para que se mobilize.

O LGBTTTT hoje que quiser exercer a sua sexualidade tem que pagar 10, 15 reais pra entrar numa festa, tu não pode beijar um cara na rua, tu não pode andar de mãos dadas. Então, os LGBTTTT tem que ter ciência que esse espaço é pra ser um espaço fora da festa. Mas pra isso acontecer só com mobilização. (Cristiano)

A partir dos dados apresentados, podemos compreender que se reconhecer como LGBTTTT e ter a sua identidade sexual bem esclarecida contribuem para a construção do ativismo político, assim como se sentir pertencente a um grupo em que as demais pessoas têm a mesma identidade sexual. Ou seja, o espaço da militância LGBTTTT contribui para a afirmação da identidade sexual, assim como a identidade sexual assumida pode contribuir para a inserção do indivíduo na militância.

Considerações Finais

O foco central do estudo foi investigar como os militantes dos movimentos sociais LGBTTTT percebem a construção do ativismo. De forma espontânea, a partir das entrevistas, foi possível identificar os temas *self* e identidade de forma articulada. Percebe-se que a formação da consciência política e o próprio ativismo advêm da articulação entre o eu e a sociedade, relação esta respaldada teoricamente pela Escola de Chicago, que influenciou o Interacionismo Simbólico. Para estes teóricos o *self* tem um caráter consciente a respeito de si, enquanto a identidade é um componente importante para a construção do *self*. Os participantes demonstram como a busca pela identidade, pelo sentimento de adequação ou não adequação

às normas sociais é também uma luta pela não fragmentação do *self*. É na relação como o outro que o *eu* se fortifica e se consolida e vê-se reforçado o ativismo político.

Nas entrevistas foi observado que podem existir múltiplos fatores que contribuem na formação do engajamento político. A partir das questões de identidade e do *self*, pode-se identificar como são processados os eventos externos e como esses eventos podem ser formadores da experiência, não podendo ser vistos separadamente, pois interagem de forma dinâmica. As três principais categorias identificadas neste estudo se relacionam constantemente, uma vez que a identidade política e a identidade sexual contribuem para a formação do *self*. A identidade sexual bem definida irá contribuir para dar maior visibilidade ao sujeito político. Assim como, quanto mais bem integrado estiver o *eu* e o *mim*, maior será consciência política e maior será a possibilidade de o indivíduo dar visibilidade às suas questões sexuais e se engajar politicamente.

Os dados deste estudo indicam a identidade, a identificação com o grupo e a consciência política como elementos fundamentais no ativismo político dos militantes dos movimentos sociais LGBTTT. Desta forma, é importante que se possa compreender este fenômeno de forma ampla e complexa, uma vez que pode ser observado um ciclo que está relacionado à formação do *self* e que envolve diferentes variáveis presentes na trajetória de cada sujeito.

Com isso, é necessário dar visibilidade a essa população identificando esse processo de ativismo, que ainda é pouco descrito pela literatura e precisaria ser mais bem investigado através de uma ótica psicossocial e psicopolítica. A compreensão desse processo de ativismo pode contribuir para que se possa refletir e conhecer mais a respeito da participação política dos indivíduos, assim como fomentar e instigar na população uma consciência política maior e mais crítica.

REFERÊNCIAS

- ADELMAN, M. Paradoxos da identidade: a política de orientação sexual no século XX. **Revista Sociologia e Política**, v.14, p.163-171, 2000.
- ALMEIDA, M. A. B. Resenha: Luta, resistência e cidadania: uma análise psicopolítica dos Movimentos e Paradados do Orgulho LGBT. **Psicologia Política**, v.9(18), p.347-351, 2009.
- AMARO, M. C. P.; ANDRADE, S. M.; GARANHANI, M. L. A violência sob o olhar de lideranças comunitárias de Londrina, Paraná, Brasil. **Saúde & Sociedade**, v.19(2), p.302-309, 2010.
- AMORETTI, J. Movimentos sociais na América latina e representações sociais de política. In P. GUA-RESCHI; A. HERNANDEZ; M. CÁRDENAS (Orgs.), **Representações sociais em movimento: psicologia do ativismo político** (pp. 53-73). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- BAUER, M. W; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2010.
- FOUCAULT, M. **A história da sexualidade I: A vontade do saber**. São Paulo: Graal, 1988.
- GIDDENS, A. **Sociologia**. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**: Rio de Janeiro: LTC (4ed), 2008.
- GOMES, M. A. Passe livre já: participação política e constituição do sujeito. **Psicologia Política**, v.11(22), p.359-575, 2001.
- GOUVEIA, R; CAMINO, L. Análise psicossocial das visões de ativistas LGBTs sobre família e conjugalidade. **Psicologia Política**, v.9(17), p.47-65, 2009.
- MACHADO, J. A. S. Ativismo em rede e conexões identitárias: Novas perspectivas para os movimentos sociais. **Sociologias**, v.18, p.248-285, 2007.
- MACRAE, E. Movimentos sociais e os direitos de cidadania dos homossexuais. In A. M. C. ARAÚJO (org.), **Trabalho cultura e cidadania: um balanço da história social brasileira** (pp. 237-242). São Paulo: Scritta, 1997.
- MORENO, R. C; ALMEIDA, A. M. F. O engajamento político dos jovens no movimento hip-hop. **Revista Brasileira de Educação**, v.40(14), p.130-142, 2009.
- NUNES, A. V. L.; LINS, S. L. B.; BARACUHY, M. F; LINS, Z. M. B. **Análise de Conteúdo: o olhar da técnica sobre o preconceito racial no Brasil**, 2008. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0443.pdf>. Acesso em julho 2012.
- PASSAMANI, G. R., FERREIRA, A. M., & SANTOS, J. R. Q. O ativismo gay no Rio Grande do Sul: Um primeiro estudo de caso. **Anais do II Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia**. Florianópolis, UFSC, 2007.

- PUGLISI, M. L. & FRANCO, B. **Análise de conteúdo**. 2ed. Brasília: Liber Livro, 2005.
- PRADO, M. A. M. Da mobilidade social à constituição da identidade política: reflexões em torno dos aspectos psicossociais das ações coletivas. **Psicologia em Revista**, v.8(11), p.59-71, 2002.
- PRADO, M. A. M., CAMPICI, C. P. F. & PIMENTA, S. D. Identidade coletiva e política na trajetória de organização das trabalhadoras rurais de Minas Gerais: para uma Psicologia Política das ações coletivas. **Psicologia em Revista**, v.10(16), p.298-317, 2004.
- REIS, T. & FACCHINI, R. Mesa: a contribuição dos movimentos sociais na promoção da cidadania LGBT. In **Psicologia e diversidade sexual: desafios para uma sociedade de direitos**, (pp. 167-179). Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2011.
- SEIDL, E. Disposições a militar e lógica de investimentos militantes. **Pro-Posições**, Campinas, v.20(2), p.21-39, 2009.
- SILVA, A. S. Consciência e participação política: uma abordagem psicopolítica. **Interações**, v.6(12), p.69-90, 2001.
- SILVA, A. S. **Luta, resistência e cidadania: uma análise psicopolítica dos Movimentos e Paradas do Orgulho LGBT**. Curitiba: Juruá, 2008.
- SILVA, P. V. B. Goffman, discípulo de Mead? **Intermeio**, v.13(25), p.82-99, 2007.
- SOBOTTKA, E. A. Movimentos sociais e a disputa pela interpretação da realidade. In: P. GUARESCHI, A. HERNANDEZ, M. CÁRDENAS (orgs). **Representações sociais em movimento: psicologia do ativismo político**, (pp. 23-35). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- SODRÉ, F. A agenda global dos movimentos sociais. **Ciência e Saúde Coletiva**, v.16(3), p.1781-1791, 2001.
- SÍVORI, H. F. Identidade sexual e identidade militante: modelos de representação política nas origens do ativismo GLTTB argentino. **Cadernos CERU**, v.20(1), p.293-306, 2009.
- TAQUES, F. J. Reconhecimento e identidade: Tensões no movimento GLBT. **Anais do II Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia**. Florianópolis, UFSC, 2007.